

NOTA À EDIÇÃO PORTUGUESA

Desfrutando de Portugal:

Após o êxito sem precedentes que teve o lançamento do livro em Espanha, ao vender mais de 180 000 exemplares, e animado pela editora A Esfera dos Livros, por Imelda Navajo e o seu representante em Portugal, José María Calvin, para publicar em português, decidi aproveitar as férias da Páscoa para viajar com a minha esposa e filhos por Portugal, visitando Évora, Lisboa, Sintra, Cascais e Estoril, passeando pelas suas ruas, falando com a sua gente, empregados de mesa, taxistas... e com especialistas em Psicologia, Direito, Enfermagem; editores com os quais tinha combinado previamente entrevistas e que amavelmente acederam.

A hospitalidade e o afecto de Portugal foram proverbiais e entra-nháveis.

De 8 a 14 de Abril, comprei livros, revistas, jornais, para com toda a humildade e limitação enriquecer-me com este belo País e a sua gente, a fim de adequar o conteúdo do livro à realidade social desta cidadania que, sendo tão parecida à espanhola, tem uma Identidade Própria.

Vislumbrei que o que hoje é um pequeno mas intenso problema em Espanha pode sê-lo dentro de uma década em Portugal.

A publicação do livro que tem nas suas mãos é uma tentativa para minimizar estes comportamentos antinatura dos filhos contra os pais (primordialmente mães) ou, pelo menos, de contribuir com paliativos para os mesmos.

JAVIER URRRA

NOTA DO AUTOR

Que tem:

Analisado muitos casos de filhos tiranos no Tribunal de Menores de Madrid.

Atendido as vítimas escravizadas.

Mantido contactos com psicoterapeutas, com responsáveis de institutos, de centros de terapia cognitiva, com mediadores...

Denunciado este cancro relacional nos meios de comunicação.

Que está:

Consciente de que será criticado por muitos, que o apontarão como alarmista ou aduzirão o risco de estigmatizar crianças e jovens. (Estes mal denominados educadores – que gostam de se classificar como progressistas – são parte do problema).

Que será:

Sempre defensor das crianças e dos jovens, por isso assinala esta nova patologia social. Ajudar os pais para que não temam os seus filhos e para que estes não sofram uma errada ou nula educação que os converta em estúpidos e insuportáveis tiranos, são as razões deste livro.

O texto que o leitor vai ler procura ser de uma notória leveza ao mesmo tempo que um relato vibrante e assinalar uma parte obscura dentro da paisagem humana.

JAVIER URRA

CAPÍTULO 1

FILHOS AGRESSORES

Fala-se de *mobbing*, de *bullying*, do assédio no trabalho, na escola. Mas também existem filhos agressores em família. A maioria dos jovens não são tiranos, é claro que não. E muitos são mais vítimas de maus tratos do que carrascos. Do mesmo modo temos que asseverar rotundamente que os pais geralmente educam correctamente os seus filhos, e transmitem-lhes bons padrões educativos. Os problemas, as dificuldades, são numericamente escassos, mas repercutem-se negativamente em toda a envolvente dos focos de tensão relacional.

Centrar a atenção num problema como o dos filhos tiranos não deve confundir-nos e fazer-nos crer que tudo é um desastre. A maioria das famílias funciona muito bem. Pais e filhos sentem-se orgulhosos uns dos outros, apoiam-se, compreendem-se, respeitam-se, gostam uns dos outros, completam-se.

No Dicionário de Língua Portuguesa podemos encontrar a definição de Tirano como «déspota, pessoa desumana, cruel, coisa que martiriza, tortura ou oprime».

Querido/a leitor/a: há mais de uma década (Urta, 1990, 1994) escrevi e publiquei, ao mesmo tempo que informei através dos meios de comunicação, que a violência real não estava nas ruas nem nos institutos, mas no lar, que as crianças são geralmente as vítimas, mas ocasionalmente são os agressores.

Observa-se nas consultas infantis o aparecimento de «pequenos tiranos», filhos únicos (ou os pequenos, com irmãos que já abandonaram a casa) na maioria dos casos, que impõem a sua própria lei em casa. São filhos caprichosos, sem limites, que dão ordens aos pais, organizam a vida familiar e chantageiam todos aqueles que tentam refreá-los.

Querem ser constantemente o centro de atenção, são crianças desobedientes, desafiadoras, que não aceitam a frustração. «A criança tirana destrói-se a ela mesma pelo seu egocentrismo desmedido, mas, além disso, origina nos outros a depressão, a ansiedade e a ira.» (Pleux, 2002).

A dureza emocional aumenta, a tirania consolida-se se não se põem limites. Há crianças de sete anos e menos que dão pontapés às mães e estas dizem-lhes «isso não se faz» enquanto sorriem. Ou que atiram para o chão a comida que lhes foi preparada e depois os pais compram-lhes um bolo. Pensemos nessas crianças que todos aguentámos e que se nos tornam insuportáveis por culpa de pais que não põem cobro aos seus desmandos.

O seu comportamento colérico, para lá da simples birra violenta, faz temer uma adolescência conflituosa e talvez contribua para aumentar um problema social já sério: a violência juvenil.

A tirania manifesta-se nas denúncias dos pais contra um filho por achar que o estado de agressividade e violência exercido por este ou esta afecta ostensivamente o ambiente familiar. Nos tempos actuais os meios de comunicação já fazem eco do que está a acontecer nos lares e, associações como a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) já apresentam dados preocupantes nesta área. Há violência (em diferentes graus) e desespero. Há fugas do domicílio, absentismo escolar, roubos, enganar; noutros casos, o filho ou a filha entra em contacto com a droga e é a partir daí que se mostra agressivo/a, por vezes com os irmãos... Distinguimos três tipos de maus tratos dos filhos em relação aos pais:

- *Condutas tirânicas*: procuram causar dano e/ou incómodo permanente, utilizando a incompreensão como axioma. Ameaçam e/ou agridem para dar resposta a um hedonismo e niilismo cres-

cente. Posicionam-se em oposição aos outros a partir do «grupo de iguais»: «Somos jovens», e daí a conseqüente exigência de alguns mal denominados direitos. Evitam responsabilidades, culpabilizando os outros.

- *Utilização dos pais*: ora como se fossem pais em «usufruto» ora como «caixas automáticas». Chantageando-os e tornando-os participantes das suas «traficâncias» (p. ex. com droga...). Usando a denúncia infundada para conseguir o que querem.
- *Desapego*: transmitem aos pais que no fundo não gostam deles.

Genericamente não são adolescentes que possam ser definidos como delinquentes. A maioria deles não chega a agredir os pais. Muitas vezes abandonaram os estudos e não têm obrigações nem participam em actividades ou relações interactivas. Não se chega à penosa situação em que um filho arremete contra o seu progenitor porque ele seja um perverso moral, ou um psicopata, mas pela ociosidade não canalizada, pela procura peremptória de dinheiro, pela pressão do grupo de iguais... mas, basicamente, pelo fracasso educativo, em especial na transmissão do respeito. Por que não acontecem estas condutas na etnia cigana, muito pelo contrário, na qual o mais velho é respeitado?

A criança ou jovem que se droga, que se envolve com um grupo de iguais dissociais, que se esgueira... não vai a lado nenhum, só foge da incompreensão, da falta de atenção, de afecto, seguramente de maus tratos (entendidos estes com maior amplitude do que os especificamente físicos). Os nossos jovens são maltratados quando não lhes são transmitidos padrões educativos que potenciem a autoconfiança, nem valores solidários, mas, em contrapartida, são bombardeados com mensagens de violência. São maltratados quando lhes é cerceada a possibilidade de serem profundamente felizes e inteiramente pessoas.

As «causas» da tirania residem em:

- Uma sociedade permissiva que educa as crianças nos seus direitos mas não nos seus deveres, onde se consolidou de forma equí-

voca o lema «não pôr limites» e «deixar fazer», impedindo uma correcta maturação. Para «não os traumatizar» é-lhes cedido, permitido e oferecido tudo o que se diz que os seus pais ou avós não tiveram. Há falta de autoridade.

É óbvio que se passou de uma educação de respeito, quase medo do pai, do professor, do condutor de autocarro ou do polícia, para uma ausência de limites, onde alguns jovens (os menos jovens) querem impor a sua lei da exigência, da fanfarronice.

O corpo social perdeu força moral; a partir da corrupção não se pode exigir. Tenta-se modificar condutas, mas carece-se de valores.

Igualmente parece existir uma crise de responsabilidade na sociedade, uma falta de compromisso que não gerou apenas mudanças nas crianças. Em Espanha, passámos da moral do sacrifício e da renúncia, para o hedonismo. Quer-se alcançar tudo sem esforço. Na sociedade do bem-estar, do consumo, procura-se deixar de assumir responsabilidades que depois podem implicar problemas: por exemplo, acompanhar as crianças numa excursão. Assim, como diz Enrique Rojas (1998), «na actualidade há um vazio moral e o materialismo, o hedonismo, a permissividade, o relativismo e o consumismo são os valores que imperam na sociedade. Estes valores surgiram devido às grandes mudanças sociais e tecnológicas ocorridas nos últimos anos, como a revolução informática, a preocupação pelos direitos humanos e a queda do bloco comunista, entre outros». Por isso, consideramos que o sistema de valores actual e os padrões educativos permissivos incidem em grande medida nos filhos despóticos.

- Meios de comunicação, primordialmente a televisão, nos quais é inquestionável que a «cascata» de actos violentos (muitas vezes sexuais) esbatem a gravidade dos factos. A carga do Sétimo de Cavalaria contra os índios (ou vice-versa), que nós víamos, não se equipara à brutal carnificina com que hoje se delectam as crianças. Ou os anúncios de brinquedos que deixam nas

suas mãos a capacidade para decidir «a vida do outro». Ou a publicidade perigosa, que diz «o filho será loiro, terá os olhos azuis». Ou ainda vídeos tão horríveis como *Boneco diabólico*, *Suicida-te e descansa para sempre* ou *Comando terrorista*. A televisão é utilizada por muitos pais como *baby-sitter*. A pancadaria catódica continua convida por vezes à violência gratuita e em geral adopta uma posição amoral ao não distinguir o que socialmente é adequado do inaceitável.

Rodeia-nos um alto grau de grosseria e mau gosto. Não se pode deslocar toda a responsabilidade para os meios de comunicação quando há uma «moda de imoralidade».

- A grande mudança que se produziu no modo de vida. As crianças passam muito tempo sozinhas. Não vivem ao seu ritmo. O bom parece ser fazer tudo cada vez mais depressa; vivemos às ordens do relógio. Não há tempo para ouvir, contar histórias, ou brincar com os filhos; estamos demasiado cansados. As crianças vivem com stresse; as chamadas «crianças-agenda» completam as suas horas com actividades extra-escolares. O peso das condições do meio envolvente também afecta as relações dos pais e das mães.
- Uma estrutura familiar que se modificou.
 - As famílias têm um ou dois filhos, aos quais não podem faltar «os ténis de marca». Pouco se contraria os «reis da casa», que continuarão a sê-lo toda a vida. Por sua vez, as famílias nucleares têm pouco contacto com outros membros familiares. As novas mães encontram-se sozinhas na sua tarefa.
 - Verifica-se muita desestruturação dos casais adultos, que se repercute negativamente nos filhos. Nas famílias em que houve uma separação, mas que voltam a reestruturar-se, acaba-se por fazer, em muitas situações, cedências aos filhos de forma a evitar conflitos.
 - Não há muitos foros de comunicação social; vive-se mais virado para dentro de casa. A Igreja, que tradicionalmente facultou o acesso ao teatro, ao cine-forum... actividades para jovens

montanhistas, grupos de matrimónios, de famílias cristãs, que estimulou reuniões para a reflexão na base de encontros, exercícios espirituais..., agora vai-se vergando perante uma sociedade que mudou os seus hábitos em relação à espiritualidade (se é que não os abandonou). O certo é que poucas redes sociais substituíram, de algum modo, o papel que a Igreja desempenhava. Existem Organizações Não Governamentais (ONG) e instituições para a juventude, mas pontuais, dispersas.

- As diferenças educativas entre:
 - Os pais, porque os modelos e referentes são muito diferentes de umas casas para outras. Existem diversos tipos de famílias, algumas monoparentais e, sobretudo, verifica-se muita solidão, sobreprotecção. Existem os dois extremos, as «crianças-chave» (que têm a sua chave pendurada no pescoço e passam muitas horas isoladas a ver televisão) e as crianças que são acompanhadas em tudo.
 - Os pais e os professores. Normalmente o professor controla e contém as crianças. O que a mãe não consegue a professora soluciona sem problemas: arrumar os brinquedos, que vistam o casaco. Nesta relação, por vezes há desconfiança recíproca casa-escola. Socialmente não se reconhece suficientemente a escola.
- Que alguns pais não façam o seu trabalho. Deixaram em grande medida de inculcar o que é e o que deve ser. Não têm critérios educativos, tentam compensar a falta de tempo e dedicação aos filhos, tratando-os com excessiva permissividade. Das três formas clássicas de controlo: a autoridade, a competência e a confiança, hoje parece que só existe a última. Os pais querem democratizar a sua relação com os seus descendentes adoptando estas posições protectoras, mas sentindo nostalgia das relações de autoridade que facilitavam que as normas se cumprissem. Por vezes só conseguem o que desejam, sem impor autoridade, através da «chantagem emocional». Pais que parecem ter medo de amadurecer, de assumir o seu papel.

Psiquiatras, psicólogos infantis e professores enfrentam um problema educativo, para cuja solução se requer em primeiro lugar que os pais aprendam a sê-lo. É tarefa dos progenitores falar com os seus filhos, ouvi-los e preocupar-se com eles, conhecer com quem e por onde andam. Há pais que não só não se fazem respeitar, como menosprezam a autoridade dos professores, da polícia ou de outros cidadãos quando, em defesa da convivência, repreendem os seus descendentes. «Não há nada pior do que banalizar um comportamento infantil inapropriado, um avanço cada vez mais incontornável, uma escalada de desvios de comportamento, uma caminhada para a dominação do mundo dos adultos.» (Pleux, 2000).

Os papéis parentais classicamente definidos diluíram-se, o que é positivo quando se partilham obrigações e padrões educativos, mas é pernicioso do posicionamento de abandono e da transferência de responsabilidades. Há medo, diferentes medos: o do pai de enfrentar o filho, o da mãe do face a face pai-filho. O das pessoas em recriminarem os jovens quando a sua atitude é de barbárie (nos autocarros, metro...); caímos na atonia social, não isenta de egoísmo, delegando essas funções para a polícia, para os juízes, que actuam sob «o medo cénico». Assim não se pode solucionar o problema.

As crianças podem não ser inofensivas, mas são inocentes. A sua culpabilidade, a sua responsabilidade tem de ser partilhada por quem as educa ou educa mal, por quem se esquece de lhes dar as instruções de uso para manejar a vida e não lhes diz como se respeitarem a si mesmas e aos outros.

Alguns consideram que tudo o que acontece às crianças é integralmente responsabilidade dos pais. São eles que devem assumir as rédeas, embora em muitos momentos seja mais cómodo soltar a corda e descansar um pouco. Não é uma questão de confiança. Devemos ser conscientes de que os jovens não têm um critério claro do que é bom para eles e do que não é. É lógico, porque são adolescentes, por muito que a sociedade se empenhe em tratá-los como

«pequenos» adultos. Anda tudo demasiado rápido e têm de conseguir viver ao ritmo que necessitam para o seu desenvolvimento, que não é o que o exterior marca. Há problemas que não aparecem se não forem procurados. «Eu creio que é como quando se aprende a conduzir», dizia-nos um pai de um adolescente em plena «efervescência». «O que vai ao volante é o aprendiz, mas é o professor que tem a obrigação de dirigir, dar as indicações e, se necessário, fazer uma travagem antes que ocorra o choque. Pois é exactamente o mesmo».

Quando vemos jovens com o seu eu interior em ruptura, que não vão a parte nenhuma, que estão exilados do mundo, que escrevem a sua vida na areia, que se deixam levar pelas ondas das procuras, do consumo, das modas, da droga, dos impulsos, não somos senão espelhos dessa mesma água.

Não se trata de culpabilizar genérica e tontamente a sociedade, mas sim de erradicar do imaginário colectivo a falsa crença de que existe o perverso polimorfo, o que «nasce torto», ou o cem por cento responsável pelos seus actos.

A todo o momento, a nossa vida está indissolivelmente unida a outras vidas, sobretudo na infância, e há aqueles que recebem como legado a orfandade de afecto, de serenidade, de amor, de segurança, de indicações para se autogovernarem em liberdade.

Temos de educar os nossos jovens e já desde a sua mais tenra infância há que ensiná-los a viver em sociedade. Por essa via, hão-de ver, captar e sentir afecto, sendo necessário transmitir-lhes valores. Julgamos essencial formar na empatia, ensinando-os a pôr-se no lugar do outro, no que sente, no que pensa. A empatia é o grande antídoto da violência, basta ver o menor índice de agressividade das mulheres e relacioná-lo com a aprendizagem que recebem como raparigas. Precisamos de motivar os nossos filhos sem o estímulo oco da insaciabilidade.

Educá-los nos seus deveres e direitos, na tolerância, pondo de lado o lema «deixar fazer», mas marcando regras, exercendo controlo e, ocasionalmente, dizendo «Não».

Instaurar um modelo ético, utilizando o raciocínio, a capacidade crítica e a explicação das consequências que a própria conduta pode

ter para os outros. Aumentar a sua capacidade de diferir as gratificações, tolerar frustrações, controlar os impulsos e relacionar-se com os outros. Também devemos fomentar a reflexão como contrapeso da acção, a busca da perspectiva correcta e o desejo de integração social.

Entre todos, temos de ajudar as famílias (crianças-família-contexto) facilitando-lhes que impere a coerência e seja erradicada a violência, que exista uma participação mais activa do pai.

Homens e mulheres, juntos, devem dar um impulso para que a escola integre, trabalhe e dedique mais tempo aos casos mais difíceis.

Que haja jovens desesperados do mundo, de si mesmos, que se voltam contra os outros (pais ou não), é um mal que está na sociedade. Não se trata de ideologias progressistas ou reaccionárias, mas de evitar a «lei do pêndulo», da criança atemorizada ao educador paralisado.

Como conclusão julgamos poder convir, seguindo o fio da argumentação, que a tirania infantil reflecte uma educação (se assim se pode chamar) familiar e ambiental distorcida que aponta para o mais paradoxal e deplorável resultado, dando asas à expressão «cria corvos e eles te comerão os olhos».